

# A doença de ver e rever House

CRIS GUTKOSKI \*

O seriado médico *House* vem sendo apresentado pelo canal de TV paga Universal, que o transmite no Brasil, como a “série dramática mais assistida no mundo”. A uma audiência estimada em 16,5 milhões de espectadores nos Estados Unidos, na estreia da sexta temporada, somam-se multidões de fãs em países da Europa e da América Latina. O fórum no site do canal Fox, produtor da série, bateu a marca de 1 milhão de mensagens de internautas em 2008.

Deve ser um tipo de loucura, ainda que mansa, isso de ficar viciado em seriados televisivos – *Arquivo X*, *Sex and the City*, *The Office*, *House*. Eles não têm poderes analgésicos. Não são cinema. Séries e novelas para TV, mesmo as caprichadas, obedecem a fórmulas rígidas para segurar a audiência entre os blocos de comerciais. Volta e meia tem uma arte superior em cartaz nas redondezas, um Almodóvar, um Meirelles, mas o maluco por *House* adia a ida ao cinema porque acaba de descobrir na locadora, que alegria!, DOIS episódios ainda não vistos, entre os 110 títulos das cinco primeiras temporadas.

A revista *Veja* recomenda 187 bares e 201 restaurantes em Porto Alegre, e o fã de *House* engole um bauru frio no almoço para dispor de 43 minutos diante da TV (a duração de um episódio em DVD, sem os comerciais) e ouvir de novo “Aleluia”, na segunda temporada, quando um presidiário é curado pelo médico mas retorna algemado ao corredor da morte. Ou rever alguns dos finais antológicos: os sons do Leste Europeu embalando a cerimônia de *simchat bat* de Rachel, a filha adotiva da dra. Cuddy; a compra da motocicleta por House depois de ouvir de uma pré-adolescente em estado terminal que o dia está bonito lá fora, bom para um passeio.

Não são temas agradáveis, pelo contrário. O suspense se resolve em torno do diagnóstico e tratamento para falência hepática, sarcoidose, bradicardia, lúpus, edema pulmonar, eclampsia, neoplasia endócrina, câncer, tuberculose, caquexia. Um paciente sadomasoquista estava sendo envenenado no hospital... pela própria mulher. Bem-feito. Outro tenta o suicídio três vezes, em quatro dias. Uma bailarina perde a pele do corpo. São imagens duras, de sofrimento. Mas as curas são em maior número do que as mortes, e no meio do pandemônio do Princeton-Plainsboro Teaching Hospital surge o motivo da grande audiência, um ator talentoso (o inglês Hugh Laurie) interpretando um médico genial, de olhos azul-Caribe, capaz de sintetizar as grandes dores da humanidade em trocadilhos que fazem rir.

“Se não fosse a competição, ainda seríamos unicelulares”, ele diz, justificando o clima de reality show, com paredão e tudo, usado para contratar três novos médicos para a equipe. “Fiquei doído, não burro”, explica House sobre a própria internação em um hospital psiquiátrico. “Isso aqui é cheiro de homem. Aposto que você nunca sentiu esse cheiro sóbria”, ele responde para a chefe. A diretora do hospital é uma executiva elegante, que usa roupas justas. Para House, são figurinos de “prostituta afegã”. No contato com os doentes, a fama de doutor bronco, insensível, vem da convicção de que os sintomas do corpo mentem menos do que as pessoas, logo é melhor manter distância dos pacientes.

*Uma conjunção de diferentes elementos, que passam pelo suspense e pelo humor, talvez possa explicar o sucesso do seriado médico que está iniciando a sua sexta temporada*



O inglês Hugh Laurie interpreta o doutor Gregory House

House é um personagem, o hospital é só um cenário. Como ficção, ainda que respaldado por consultores médicos, o seriado pode inventar exames quase letais e salvamentos verossímeis ou não, como as fugas de James Bond.

Quem vê, e revê, e revê, acaba gostando de um conjunto de elementos. Existe o mistério que envolve cada paciente, ou a busca de respostas deflagradas nos primeiros minutos do episódio por uma hemorragia, uma asfixia, um desmaio. Em geral, como num jogo de encaixes, a doença principal vai sendo desvendada com pistas fornecidas pelas histórias paralelas, pelo folhetim de romances e crises que envolve os outros médicos e pacientes. Uma fonte permanente de respostas para House é o melhor amigo, dr. Wilson (Robert Sean Leonard), oncologista e gourmet, interpretado pelo ator que fez o suicida em *Sociedade dos Poetas Mortos*. Contraponto do herói, Wilson tem um fã-club de cativo, assim como dr. Chase, o cirurgião meio grunge, com rosto de príncipe. Na quarta temporada, a equipe de médicos assistentes de House foi renovada por uma fórmula que privilegiou grandes grupos de telespectadores-consumidores. O exagero foi tanto que virou piada em diálogo na própria série, poucos dias atrás:

– Está faltando algo aqui...

– Não falta nada: ele é negro, você é gay e eu sou judeu.

O médico negro é Eric Foreman, neurologista, a doutora gay (ou bissexual) é Remy Hadley, alcunhada Treze, e a comunidade judaica se completa com Chris Taub, ex-cirurgião plástico. Havia ainda um imigrante asiático, dr. Kutner. A se manter a fórmula, é de se perguntar quais outras minorias serão contempladas no futuro. Um latino comunista? Um leitor de José Saramago? A minoria não exatamente oprimida dos símbolos sexuais ganhou o rosto da atriz Olivia Wilde, a dra. Treze, médica e paciente do Mal de Huntington. Mesmo sob uma overdose de significados – a orfandade, a doença degenerativa, a bissexualidade, o namoro inter-racial – a personagem já foi crível, quase um duplo do chefe, também ele doente, problemático e... brilhante. Nos últimos tempos, porém, Treze lembra mais uma top model, circulando de jaleco e salto alto.

No Brasil, a temporada em curso nos Estados Unidos vai ao ar com retardo de alguns episódios no canal Universal, às quintas, às 23h. De segunda a quinta, o canal pago reprisa episódios num horário complicado, às 20h, o mesmo do *Jornal Nacional*. O presidente Lula está no seu segundo mandato, é isso mesmo? Parece que em 2008 se iniciou uma grave crise econômica. Na TV aberta, a Record exhibe temporadas antigas nas noites de quarta-feira.

Passados cinco anos, o conteúdo ainda se renova, acredite. House já havia sido ameaçado de não clinicar mais. Heróis enfrentam obstáculos, ou não seriam heróis. Desta vez, pela primeira vez, ele trata a si ouvindo um psiquiatra, sem revidar com ironia e sarcasmo. Qualquer um que já tenha passado horas ou dias numa clínica ou hospital sabe que não se sai de lá o mesmo. Dependendo dos exames, ou será o fim ou algum tipo de recomeço. Talvez o que os produtores e os fãs de *House* busquem a cada episódio seja o conforto desse recomeço cíclico, ver os atores, os rostos e os objetos no lugar de sempre, como se a morte fosse, também ela, só ficção.

\* Jornalista e mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)